

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 26 de Abril -- 1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

191

sempre

five *sema. do humorístico*

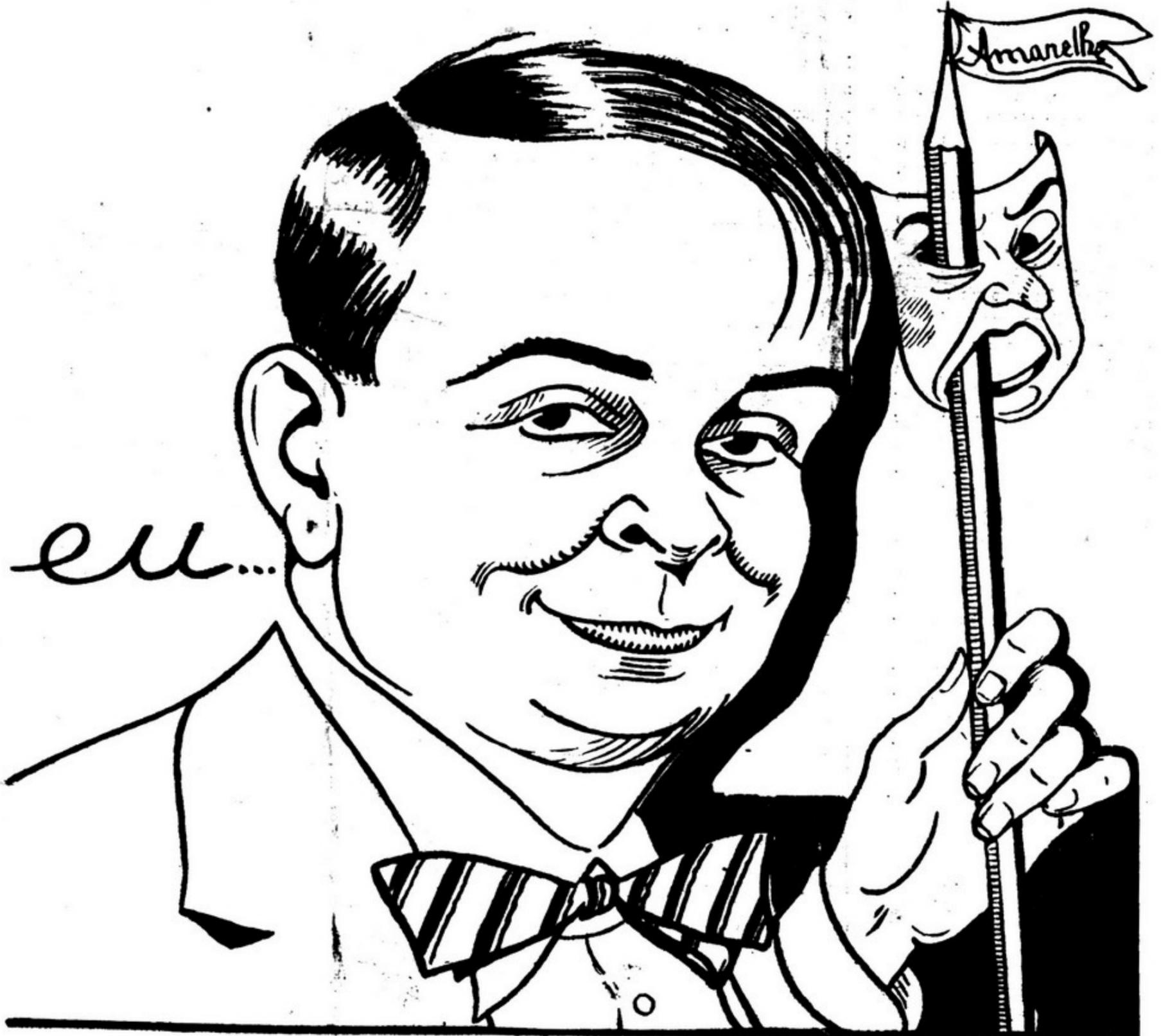


Avenida
Ex. mo Sr.
de Alvarães

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



Ele visto por Ele

AMARELHE

Amarelhe—o impressivo e expressivo artista de caricatura—está hoje sob um pedestal de legitimo orgulho, que a nós, seus camaradas, amigos e admiradores, também nos desvanece.

A sua Exposição de Arte no Salão Nobre do Teatro Nacional, é um belo titulo de triunfo progressivo.

Como já acentuamos, Amarelhe dá um novo, um forte e largo passo na sua carreira de artista, dentro da sua especialidade, caracterizando-se agora definitivamente, não apenas como um caricaturista, mas como um artista na caricatura e no retrato.

Amarelhe, que—como raros—faz a caricatura pessoal absolutamente verosimil dentro da deformação da figura, encontrou, ou melhor: fixou, uma nova modalidade dentro do seu genero.

Até aqui Amarelhe focava um tipo, fixava-o na retina, guardava-o na memoria visual, anotava-lhe um senão fisico, um defeito gracioso, uma particularidade, qualquer coisa que desse motivo á *charge* e eis uma caricatura que era sempre um esplendido retrato.

Expontaniedade, felicidade, verdade servida pelo grotesco ou pelo simples comico, certa graça que não encobria suficientemente um aspecto de beleza, de virilidade ou de elegancia—tudo isto eram faculdades em Amarelhe, faculdades unicas, dentro da sua maneira, que não destruia os altos meritos de outros caricaturistas consagrados—como Va-



Ela — Convinces-te que tens que fazer economias. E' preciso guardar alguma coisa para os tempos maus.
Ele — Mas para que julgas tu que eu guardo o meu impermiavel?

lença cuja arte tem um traço inconfundivel e forte—, mas faculdades notaveis que fazem de Amarelhe um creador originalissimo de tipos portuguezes, vividos e perduraveis na historia das nossas artes e letras.

D'esta vez Amarelhe isolou-se uns largos meses, fixou novas figuras, espreitou-as na vida social, requintou-as de espirito e de caracter, tocou-as mesmo de intenção e de delicadeza, n'um grande sentido de beleza moderna e de raro poder decorativo—e apareceu com elas.

São cerca de duzentos trabalhos, alguns dos quais fazendo rir e sorrir, fazendo pensar e ter saudades, são notaveis como Arte, tendo por base o humorismo. E no retrato serio, mesmo, no retrato elegante e airoso, Amarelhe atingiu uma perfeição, sempre

relativa aos seus processos anteriores, mas indiscutivelmente perfeição.

Este Amarelhe—simpatico, aparentemente timido mas na verdade simplesmente correcto, modesto sem descurar o respeito por si proprio, trabalhador sob um aspecto de negligencia, o que significa comedimento profissional—, este Amarelhe, a quem artista, escritor, jornalista, homem publico, grande senhor e actriz consagrada, gentil, não escapou nunca ao seu lapis, ora irreverente ora delicado; este Amarelhe afirma-se alguém no nosso reduzido meio social, e apresta-se á primeira linha dos nossos trabalhadores de arte ligeira, onde ficará já agora, definitivamente, sem esforço de admiração amiga e sem afronta de reclame gratuito, que só os insignificantes ambicionam.

Em verdade—e isto succede a todos os artistas máximos de nome relumbante, das artes fortes que Amarelhe não trabalha—, em verdade o proprio Amarelhe é uma caricatura.

Isto é: Tem uma individualidade, tem uma anedocta, tem um espirito proprio, tem um original *tic*, que fica, como nas suas caricaturas do mundo social portuguez moderno. E' um pouco misantropo, sabe curtir também as suas dificuldades na vida, esquece-se por vezes de dar o trabalho a tempo e a horas, é um tanto bohemio, um tanto feliz, um tanto indifferente, um tanto artista, e tem sempre uma chalaça ou uma explicação pitoresca para assinalar os seus atrazos.

Uma vez—e isto deve ser verdade—anunciou a abertura de uma Exposição, a do Gremio Literario, para tal dia ás tantas horas. Convidou amigos, pessoas representativas, criticos, colegas, o mundo official.

Mas— não apareceu! Não houve Exposição! Estava adiada!

Porquê! Porque tinha um parente a morrer—explicou-se. Simplesmente a razão fóra esta: o alfaiate não lhe dera o fato novo a tempo e a horas.

Para Amarelhe uma Exposição sem fato novo, era um... facto desairoso.

Isto, explicou depois, implicava um certo respeito pelos outros, não fossem os outros caricaturá-lo, com o seu *paleto* cheio de rugas, um pouco já *déclassé*.



— Vamos a ver quando aprendes a fazer o laço Já tens idade para isso.
— E' que não sei quantas voltas tenho que dar.
— Não tens que dar volta nenhuma. E' só fazer o nó.

DR. RAMADA CURTO



Um verdadeiro anjinho da pele do "Demonio"

Chiado e pré-historia

O achado arqueológico, o meu amigo Aniceto e eu

Eu nunca liguei importância áquilo a que os homens de sciencia chamam achados arqueológicos. Quasi sempre figuras arqueológicas, estes cientistas, dão mais importância a um púcaro velho—que nem o meu caixote do lixo admitiria no seu seio—do que, ás vezes, a um lindo sorriso de mulher.

Por isso foi que no outro dia, enquanto outros intelectuais se entreteniam despindo com os olhos as mais elegantes mulheres que á hora dos chás, mais ou menos «five-o'clock», sobem e descem o Chiado um dos doutos membros da Veneravel Associação dos Arqueólogos, fixou a sua atenção nas trincheiras com que a Companhia dos Telefones tem transformado a dita arteria: em «terra de ninguém». Olhar a cova e encontrar nela vestígios de eras remotas, foi obra dum momento.

Mas, além do sr. dr. Caetano de Oliveira, também o meu amigo Aniceto Esteves analisou os valiosos achados. Foi a sua autorizada opinião que eu tive de ouvir ontem mal ele me topou.

—Podes «crêr», meu caro, que se podem classificar de bastante neolíticos os achados.

—Mas tu não achas que achar no Chiado da elegancia uma estação neolítica, ou seja, meia duzia de cacos velhos, é muito mal achado?

—Estás enganado! Nesta época em que não conseguimos saber em que estação estamos, encontrar uma, por mais neolítica que seja, é uma verdadeira conquista da sciencia. Nem a futura estação do Terreiro do Paço teria agora tanta oportunidade.

—Isso, meu velho! Olha que de coisas historicas se fariam os estrangeiros quando cá vêm. Se entram no Tejo, têm logo a Avenida da Índia; se, pelo contrario, vêm de Espanha, escançalliam os ossos nas estradas. Tudo monumentos historicos nacionais... Mas voltando ao Chiado, a que conclusões chegaste do exame feito aos objectos?

—Crêo que a existencia dum estabelecimento de luvax perto do local, deve influir no caso dos objectos achados que, em hipotese, admito serem anti-diluvianos. Mesmo aqueles ossos devem ser fragmentos do esqueleto de algum mastodonte de que existem ainda bastantes descendentes á porta dos cafés daquela elegante arteria.

—Ah! Mas isso é uma opinião inédita!

—Inédita e muito mais pré-historica do que as já emitidas. Mas eu não me admiro nada do achado. Quando algumas gerações passarem sobre nós, quão verdadeiro valor arqueológico terão os achados dos mil projectos de ponte sobre o Tejo, da estatua de cocaras ao poeta Chiado, do retrato a três quartos do sr. Gustavo Matos Sequeira...!

Xico Ximenes.



—Então você não sente frio? Tenho-lhe dito mil vezes que quero todas as portas fechadas.

OS GRANDES HOTEIS



—Desculpem, meus senhores, mas este é o caminho mais curto para a estação.

UMA "CAIXA"

Vai ser eleita deputada uma mulher portugueza

A D. Genoveva da Conceição é uma senhora matrona, de fartas carnes, mas ainda frescas, que possui a alta qualidade de curar o mal alheio, a preços módicos. Formou-se na Faculdade de Medicina ali por meados do ano de Cristo de 1890, tendo obtido a elevada classificação da 9 valores — bem entendidos, é claro! Como gostasse de especialidades, dedicou-se exclusivamente a tirar dôres de umbigo e de outras partes correlativas.

Ha 38 anos que a conspicua doutora toma pulsos, como quem toma *Ovo-maltine*, e ainda, apesar dos seus 60 bem puxados, consegue agarrá-los com a maxima perfeição. Está, pois, celebrizada nos meios scientificos em que *pulsa* os corações diamantinos dos não menos diamantinos Galénos e Hipócrates de agua morna...

* * *

Feita a traços largos a biografia da medica mais popular da nossa terra, que não se pinta por *pintar a mania* nas assembleias gerais da Sociedade do Grêlo, de que ella é mui digna presidente, vamos entrar, sem auxilio de gazua ou de pé de cebra, na sua vida politica.

Nas horas de ocio, como nunca tivesse tido o sensual prazer de apunhar marradinhas dum *angordá* fel-pudo, dedicou-se a ler Kropotkine e Trotski para não passar por *troura* nas velhas e vermelhas lettras. Obscou-se. Suggestiou-se com os ballados russos das imagens revolucionarias das obras preferidas. Sem dar por isso, sentiu-se bolchevista—e cila a caminho da Sociedade do Grêlo, onde a sua inscrição causou o maior

jubilo. Foi festejada. Foi abraçada e até—Santo Deus!—apalpada por uma parreira...

A sua adesão não podia ser melhor recebida. Houve até uma senhora *Tabella* que lhe profetizou uma vida parlamentar. Para lamentar é o facto, visto que a bela notaria foi, por excelencia, profeta na sua terra: A D. Genoveva da Consolação acaba de ter o gosto e a consolação de ser nomeada *leader* do partido do Grêlo e agraciada com a Ordem da Nossa Senhora de Alimentação, por ter concorrido abertamente para a elevação do preço do trigo, do vinho e do azeite.

Tambem alguns homens publicos tiveram a grata lembrança de a homenagear com uma ceia no *Central* o convidá-la, em época futura, a sentar-se num *fauteuil* da Camara dos Lugares Comuns.

E' a primeira mulher portugueza que vai ter a honra suprema de bater o *record* das palavras. Falará por todas as mulheres—e a sua *performace*, certamente, deve contrariar o grande palrador Pêro Camoesas.

Paciencial! As mulheres tambem tem o direito de defender os seus interesses; de dar á luz... novas ideias; de legislar com acerto e com cabeça, mesmo á *garçonne* que esta seja... Pois, *cu-mié!*

O *Sempre Fixe*, que está sempre fixe a dar *caixinhas*, dá mais esta *bota de surpresa* aos seus mil e um leitores, os quais devem benzer-se, sem nome da Civilização e do Progresso:

Winho.



O'Donell apresenta: O misterio da sina de aquilo manobrando intrigas nos bastidores dos maridos

As manias do Parreira

que veio ao mundo para arreliar os outros...

Arnaldo Barrote Parreira, que veio a este mundo, como nós outros, mas com o signo de fazer arreliar os *parceiros*, segundo ele proprio nos declarou ha dias a uma das mesas da «Brasileira», do Bessio, é, no fundo, um bom rapaz, um melhor funcionario do Conselho Superior de Finanças, de patente superior, filho de boa familia, etc., etc.; mas sofre da *bota*, o que—diga-se em abono da verdade—acontece a muito boa gente.

Pois, como vamos dizendo, o bom do Parreira veio ao globo terraqueo predestinado, a fazer arreliar os outros, no que tem sido, por vezes, felicissimo.

Fala, fala muito, pelos cotovelos como costuma dizer-se, engatando as conversas, os assuntos mais variados, mais complicados, mais intrincados, uns nos outros, batendo assim o *record*, ha muito estabelecido pelo José Leão de Sousa Amzalak, que toda a Lisboa dos cafés, conhece; e que sobe ao cume da serra quando lhe chamam judeu ou primo do Joshua Benoliel, o que ele não quer ser nem á mão de Deus Nosso Senhor, Rei da Judeia.

Mas vamos ao Parreira: uma vez feita a apresentação, o nosso homem narrou-nos, apressada, atabalhoadamente, os meios de que se serve para fazer arreliar os *parceiros*, as cenas desagradaveis que tem tido com aqueles que lhe chamam maluco, mas que acabam por lhe dar razão, evidentemente para o não atuarem por mais tempo.

De mistura, o Parreira foi-nos contando os seus projectos, os seus desejos de endireitar isto—a Nação.

Elogiou-nos, com calor, as medidas de *salvação publica*—que lhe tiraram 136\$00 por mez—segundo disse, e, parodiando o canto I dos *Luziadas*, zurrou:

Cessem de pedir o poder draconiano. As discussões grandes que tiveram desgostaram tanto o povo soberano que farto está da obra que fizeram.

Que cante o peito illustre luzitano, A quem Neptuno e Marte obedeceram. Cesse, pois, o que os da *Liga cantam* Que outros cantares mais fortes se se alevantam.

—E se não cessarem? arriscamos a medo.

—Irei, com aqueles que me quiserem acompanhar, por esse país fora na propagação das minhas doutrinas, do meu cantar e, como disse Luís de Camões

Cantando espalharei por toda a parte, Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

E lá se foi o bom do Parreira ufano de si mesmo, assoviando a «Maria da Fonte», já então acompanhado de outro da sua força—o poeta Caupos Ferreira.

Mario Quintela.



—E a senhora não receia que lhe caia uma roda indo a 100 á hora?

—Não. Levo sempre rodas de sobre-salente.



—Sabes para que é que os dentistas fazem pontes?

—Orá! E' para passarem as dôres de dentes.

BOM HUMOR

O professor:—Quais são os quatro elementos?

O aluno:—A agua, a terra, o ar e... e...

O professor:—Então?! Um que provoca muitos acidentes...

O aluno:—Já sei. O automovel!

A patrão:—Maria, traga-me o meu vestido azul, o casaco de peles e todas as minhas joias...

A criada:—Vai a algum casamento, minha senhora.

A patrão:—Não, vou ver os meus pobres...

Ela:—Que lindo final tem a sua novela.

Ele:—E que lhe parecem os primeiros capitulos?

Ela:—Ainda não pode lê-los...

Entre amigas:
—Não sabia que a Francisca era tua amiga.

—O quê, ela disse-te mal de mim?...

Colombine:—Jurou-me que atravessaria o fogo por mim... mas ontem não veio vê-me.

Pierrot:—Não pode. Chovia tanto...

Em pleno pugilato:
O marido:—Filha, modera-te! Olha que já não sinto os ossos.

A esposa, ameaçadora:—Uma palavra mais e ficarei viuva...

Na prisão:
O visitante:—Qual foi a pessoa que o senhor matou?

O condenado:—Minha mulher. Imagine o que se disse no tribunal dum assunto tão intimo, que devia ficar entre nós dois...

Entre irmãs:
—Porque choras, Maria?

—Porque Carlos não me quer comprar uma pele para o pescoço. Disse-me ontem: «Para quê? A pele não faz o animal».

A mulher do doente:—Sr. doutor: Ele sofre muito. Diz que se quer matar!

O medico:—Matar-se! Mas não estou eu aqui?

A patrão da nova criada:—Foi o seu noivo que lhe trouxe a mala?... E? muito simpatico.

A criada:—Ainda a senhora não viu os outros...

—E? certo, doutor, que as mulheres vivem mais do que os homens?

—Creio que sim. Sobretudo as viúvas...

O medico:—A circulação não me agrada.

O doente, que é chauffeur:—Nem a mim. Os sinaleiros são exigentes e os peões não sabem andar.



O medico:—A circulação não me agrada.

O doente, que é chauffeur:—Nem a mim. Os sinaleiros são exigentes e os peões não sabem andar.

TAC-TAC-TAC

O Cofre da Sabedoria

Desde que cheguei da minha monumental viagem pelas regiões do Além-Atlantico-Norte, onde, como os meus inumeros leitores por certo sabem, recebi as maiores demonstrações de apreço, uma avalanche de cartas cai diariamente sobre a minha vasta secretaria em *vieux-chêne* com maravilhosas incrustações de cobre do Caucaso, pedindo-me aflitivamente as minhas impressões da America. Como se ama na America? Como se come na America? Como se respira e suspira na America?

Ora é claro que não tenho tempo material, nem mãos suficientes para responder a todos esses copiosos e incondicionais admiradores.

Procurarei, pois, numa serie de pequenas cronicas explicar-lhes, se tal puderem compreender o que é a psicologia americana: no amor ou *love* (como eles lá lhe chamam) no *Struggle-for-life* e nos *business* que é como quem diz a forma como eles ganham a sua vida.

Antes, porém, de entrar a fundo, em *flèche*, na complicada encerebração do *Yankee*, contar-lhes-hei, para anteloquio de mais sumarento estudo, a historia do segredo do cofre de *Boot-Feet*, o celebre millionario filosofo, autor da incomensuravel obra «Da Sabedoria das Nações», em três grossos, compactos volumes, oitocentas paginas in-4.º *Boot-Feet*, o sabio que espalhou a sua obra pelas quatro partes-do mundo, morreu com a certeza absoluta de que ninguem a leu. E como em *revanche*, deixou em testamento um cofre contendo um milhão de dolares que pertenceria a quem esse cofre conseguisse abrir.

A fechadura do cofre era uma verdadeira maravilha de tecnica. Em cinco letras se encerrava o segredo do cofre. Mas quais eram elas que, segundo a letra expressa do testamento, resumiam toda a sciencia acumulada no grande tratado de *Boot-Feet* «Da Sabedoria das Nações»?

A vida é a *Morte*, (*death*), diziam os pessimistas. Talvez assim *Boot-Feet* quizesse demonstrar a inanidade das grandezas humanas...

O verdadeiro filosofo duvidou!—asseguravam os outros. *Boot-Feet* marcou a grande interrogação da existencia, com a palavra que constituiu o segredo do cofre.

Mas nenhuma das tentativas deu resultado.

Quando voltei a Lisboa, veio despedir-se de mim o meu grande amigo *Mark-Twain*, com cuja intimidade muito me ufano, prometendo-me, logo que dele tivesse conhecimento, comunicar-me o segredo do cofre.

Ontem, quando pela manhã, envergava o meu pijama de seda com lan-tejoulas para ir para o meu *studio*, recebi o seguinte telegrama do meu querido *Twain*:

«New-Bedford, 17 abril

Meu carissimo *friend*: Quem achou o segredo era um teu patricio dos Açores que era muito conhecido por ser um desbocado. Escreveu a palavra que *Cambonne* gritou aos ingleses e abriu o cofre *stop parabens*»

Eis aqui em que *Boot-Feet* fazia residir a Sabedoria das Nações.

Cirano de Velhoiras.



O maestro Blanch, ensaiador das soirées blanch'es do Cine São Luiz

Nota verdadeira e nota falsa

Uma velhinha engelhada, que ha ha largo tempo contemplava a montra duma grande confeitaria, entrou por fim comprometida, muito acanhada e dirigindo-se timidamente a um empregado pediu:

—Eu queria daquelas amendoas que tem na montra; são para a minha netinha... ela gosta tanto...

—Que porção? — inquiriu, com pressa, o empregado.

Ela teve um momento de indecisão e de receio e segurando na mão enrugada, uma nota pequenina e velha, pediu a medo:

—Um tostão, se faz favor...

O empregado ia a responder com um laconico—«não fazemos»—decisivo, mas um freguez que estava proximo e observara, comovido, aquela scena, chamou-o de parte e pediu-lhe que o deixasse fazer, por momentos, de patrão.

E a um sinal de admirado assentimento do caixa, acrescentou:

—Eu mesmo atendo esta senhora, vá você aviando outros fregueses.

E voltando-se para a velhinha perguntou-lhe com brandura:

—Um tostão, não é verdade?

E pegando num cartucho, pesou um quilo.

Ela, que finalmente compreendeu tudo, recebeu o embrulho com os olhos razos de agua e saiu num comovido agradecimento.

Neste momento, porém, uma velhota, tipo de lambareira, que entrara para comprar bolos, tendo, como quem não quer a coisa, bisbilhotado toda a scena, dirigiu-se logo ao pseudo proprietario, para o aproveitar, enquanto ele estava com a mão na massa e pediu dois tostões de rebuçados, lamurinado que eram para um sobrinho, que gostava muito e estava doentito.

O empregado interveio para aviar. Mas a velha, alegando que estava costumada a ser atendida pelo patrão, teimava em dirigir-se ao pretenso proprietario.

Este, porém, que lhe percebera a fita respondeu apenas:

—Impossivel, minha senhora, acabo agora mesmo de trespassar o estabelecimento.

A. C.



—Estes peixes de agua doce, não dormem, papá?

—Sim, dormem no leito dos rios.



—Mas então não foi o sr. Gutierrez, alfaiate, quem morreu ontem?

—Não, meu menino.

—Ora, adeus, e o meu pai que tinha ficado tão contente.

Elevador da Gloria

Madame Sousa mora na rua do Salitre. É uma viuva inexpugnável, com trinta e oito admiravelmente conservados pelo creme Simon. O defuncto deixou-lhe uma pensão razoável, cinquenta contos em inscrições, e uma filha que terça-feira passada completou dezanove anos.

Destes três haveres é a filha que lhe dá mais cuidado. Boa rapariga, mas romantica, muito afavel para os vizinhos do carro electrico, do cinema e de qualquer outro local ou veiculo, onde haja compressão da materia.

Alice—assim se chamam os deliciosos dezanove anos da rua do Salitre—tem o coração e o tempo divididos em duas partes. De manhã, metade da comprometedor viscera, está ocupada com um namoro honesto, de poucas palavras, acanhado, avarento, inimigo de bailes, muito teimoso e sempre constipado. De tarde—tem um segundo namoro, em tudo contrario ao da manhã. Este é um leviano, que fala, discute, arrelia, aparece e desaparece durante dias, envolvido em extraordinarias aventuras. Mas, elegante, elegantissimo, e com um ar *canaille*, de tal maneira envolvente e fascinante, que o sexo fragil, habitante do Salitre, o disputa mesmo em frente, quere dizer, debaixo das vistas da Alice, quando esta *gargareja*, do terceiro. Terça-feira passada Alice chegou aos dezanove anos. Os anniversarios implicam sempre uma resolução heroica, que marcam na existencia e historia dos anniversariantes.

Madame Sousa, que aconselhara á filha aqúelle sistema sentimental de amarras, entendeu que era chegada a altura de cortar uma. Mas qual? O namoro da manhã, inflexível e macambuzio, incapaz de fazer a felicidade da Alice—uma romantica intellectual? O da tarde, leviano como uma borboleta e arisco como um pardal?

Se ainda um fôsse mais rico do que outro, não hesitaria. A felicidade da filha, bem o sabia, havia de ser, solidamente, garantida na praça. Como resolver? Madame Sousa tirou-se dos seus cuidados. Foi procurar o tio. Pertencia ao conselho de familia da pequena e já tinha sido ministro. Expoz-lhe o dilema, o terrível dilema nupcial. O tio olhou-a. Olhou-a com insistencia. Sorveu uma pitada de rapé, e aconselhou:

—Minha querida sobrinha: entendo que a Alice deve escolher—o da manhã. Pela hora vê-se que chegou mais cedo. Depois, pelo que me descreve, vejo que tem bom caracter. É serio.

—E o outro, tão elegante, tão distinto. Olha que ele e Alice faziam um lindo par na sociedade.

—Mas então...

—Não sei, tio, não sei como resolver.

O ex-ministro sorriu. Passou a mão adunca pela cara da sobrinha, e ciçou:

—Com esse rosto não há difficuldade! Encarrega-te do da tarde e deixa á tua filha o da manhã...

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estrela)



Quem é artista?
Quem disse?

AS GRANDES REPORTAGENS

Horriveis detalhes sobre um acidente de automovel

Um grande diario publicou a informaçao seguinte, na secção de Provincias:

Accidente de automovel

CHAMUSCA — No domingo passado, o sr. Carlos Ferreira, dono dum automovel de aluguer, foi vítima dum acidente nas circunstancias seguintes:

Estava em frente da farmacia quando um animal, fazendo parte duma manada de dez, saiu dela e veio roçar o guarda-lama esquerdo, que ficou deteriorado.

O proprietario do animal autor do accidente ofereceu-se para indenizar o sr. Ferreira.

O *Sempre Fixe*, desejando dar aos seus leitores os mais completos detalhes sobre o horrivel accidente, mandou immediatamente para ali um enviado especial, de quem publicamos a reportagem emocionante.

CHAMUSCA — (Por telegrama).—A nossa viagem não foi inutil. Apenas saímos da gare, encontramos uma Chamusca completamente transformada. A vila inteira está em effervescencia. Não se ouve falar noutra coisa senão no guarda-lama do sr. Ferreira e no animal. Está reunido um comité permanente de inquerito.

Mas como queriamos estabelecer, nós proprios, as responsabilidades, tratámos de inquirir por nossa conta.

O que diz o animal

As culpas parecem pesar sobre um joven vitelo que fazia parte da manada das divagações de que foi vítima o guarda-lama esquerdo do automovel do sr. Ferreira.

O vitelo recusou-se a qualquer entrevista. Limitou-se a responder-nos: —Fale com minha mãe!

Em casa da mãe

Não fomos mais felizes em casa da mãe do vitelo. A vaca mandou-nos dizer pela criada que: — sendo o seu filho menor, ela devia ser civilmente responsavel, e que, nestas condições, só falaria em presença do seu advogado, recusando-se a fazer quaisquer declarações á imprensa.

Os nossos leitores tirarão deste mutismo as conclusões que imediatamente se impuzeram ao nosso espirito...

Em casa do sr. Ferreira

O sr. Ferreira acolheu-nos com mais

cordealidade. Quando lhe contámos os detalhes da nossa entrevista com a mãe do agressor do seu guarda-lama, disse-nos:

—«É natural, porque esses animais não tem a consciencia tão tranquilla como o meu guarda-lama. Como se passaram as coisas? O meu guarda-lama, tambem menor e legalmente irresponsavel, vive ha muito tempo sobre o meu carro. Estando este parado deante da farmacia, passou uma manada donde saiu um vitelo que veio roçar o seu guarda-lama direito pela perna esquerda do meu carro...»

—Mas o senhor podia ter sido mais prudente...

—«Bem sei aonde o senhor quer chegar. Já hoje, ao ler um jornal, constatei que não tinha havido um accidente de vitelo mas um accidente de automovel. Gramaticalmente, estou condenado, porque o meu carro é que teve o accidente. Agora é que eu vejo bem a extensão da minha desgraça.»

E o sr. Ferreira pôs-se a chorar. Retirámos-nos, deixando-o entregue á sua dôr.

A opinião publica

Restava-nos colher uma opinião neutra, que permitisse aos nossos leitores formar uma ideia mais precisa. Eis o que nos disse o funileiro:

—«Conheço já ha muito tempo o sr. Ferreira e tive sempre a melhor impressão a seu respeito até ele comprar o automovel. Ninguem o supunha capaz disso. Tambem conheço o guarda-lama, a quem tenho posto bastos pingos. E só poderá beneficiar de circunstancias atenuantes em virtude do seu passado—e do futuro do agressor do seu guarda-lama.»

—O senhor conhece o vitelo?

—«Toda a gente aqui o conhece. É manso como um borrego. Embora haja quem diga que ele tem aspecto de, mais tarde ou mais cedo, vir a morrer de morte violenta...»

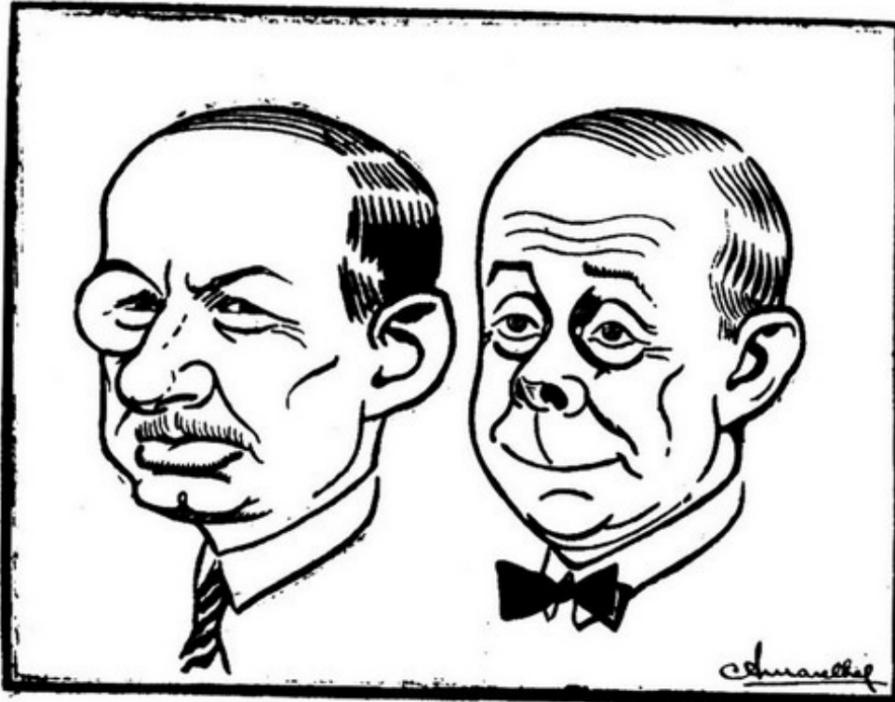
«Ficaremos comtudo contentes se o sr. Ferreira provar a inocencia do seu guarda-lama.»

O guarda-lamas não diz nada

Faltava-nos conhecer as impressões do guarda-lama. Mas este foi de tal maneira ferido no seu amor-proprio pelo vitelo que se recusa obstinadamente a pronunciar qualquer palavra.

Bellissimo Redondissimo.

OS NOSSOS POETAS



JOAO DE BARROS e EUGENIO DE CASTRO

a poesia ao serviço da Instrução, o capelo e a borla ao serviço da poesia.



A febre de transformação dos teatros em cinemas alastra, assustadora... para os criticos cinematograficos, que daqui a pouco, como o nosso patrono Santo Antonio, terão de possuir o dom da ubiquidade, condição *cine... qua non* para poderem assistir ás apresentações simultaneas de todas as *supers*. Os exhibidores seriam umas joias se arranjassem um horario especial e pontual para a exhibição particular das suas produções. Mas isso só deve ficar organizado quando eu e eles tivermos vergonha na cara...

O Tivoli, muito louvavelmente, decidiu-se a dar o exemplo, aliviando com um programa alegre o ritmo de cantochão que lavrava nos cinemas alfacinhas. Nunca Lisboa vira tantas e tam horriveis scenas como nos ultimos tempos, em que todos os cinemas, á uma e até as duas, comoviam ao desafio os espectadores mais despreocupados. Mas o que nada tem de louvavel é a inversão que houve por bem dar ao cartaz, fiando-se, sem razão, nas classificações originarias.

Inumeros leitores me perguntaram o que era *Aquilo* e — caso curioso! — nenhum deles me perguntou o que era a *Venus Americana*. Dessa, ouvimos nós dizer a um atilado cinéfilo: — «Que maravilha! Que identidade perfeita! Confundem-se, Esther Ralston e a *Venus do celebre escultor Milo!* Principalmente os braços e a camisa...» Mas expliquemos primeiro o que é *Aquilo*, segundo o inquerito por nós organizado:

«*Aquilo* é uma coisa que se não corta, para não magoar Miss Clara Bow.» — *Oscar de Freitas*.

«*Aquilo* é capaz de ser piada...» — *Rubens Ezaguy*.

«*Aquilo* é uma coisa que é pena não ser a *Metron*.» — *Monteiro Pinto*.

«*Aquilo* é mais uma fita para adaptar musicalmente.» — *Nicotino Milano*.

«*Aquilo* é o X da *madame*, a incognita da equação do amor.» — *Julio Dantas*.

«*Aquilo* é fita. Não presta.» — *Alvaro de Andrade*.

«*Aquilo* é Clara Bow; e Clara Bow é *Aquilo*.» — *Mario Pires*.

«*Aquilo* é colossal!» — *Jorge Brum do Canto*.

«*Aquilo... é isto*.» — *Antonio Bôto*.

Os nossos leitores devem ficar, assim, elucidados...

O São Luis quer ser *Atleta á força* e faz *Kiki*, como cinema recém-nascido que é. O Blanch descobriu a maneira mais eficaz de destruir os efeitos hilariantes das fitas comicas, tocando Wagner, Moussorgsky, Gounod, etc., na perfeição. Nada, que os tempos não estão para graças.

O Politeama deu um bom exemplo de *Amor filial* para com o Castelo Lopes e agora dá ao cavaco com o *Disraeli* e as solicitações telefonicas de borlas.

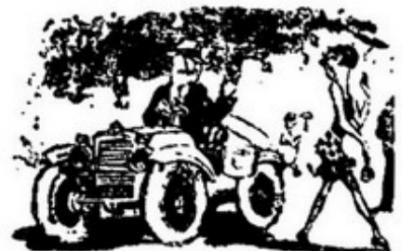
O Olimpia melhorou o rancho dos brindados, começando a sortear ás meias duzias. E o Cinema Condes, montado no *Cavalo de Ferro* — que, aqui para nós, era um cavalo duro de roer — meteu-se com a *Minha Viuva*, e, para não ir á vela, embarcou no *Veículo Triunfante*.

Retardador.



—Oiea, não me mande a carteira que julgava ter deixado ai. Afinal eu tinha-a na algibeira.

Auto sugestão





Cábula com espirito

Havia, ha anos, numa escola, um aluno muito cabula, mas tao inteligente, que conseguia estudar nos quinze dias que precediam o exame o que devia ter estudado, desde o principio do ano.

Nesse ano, os professores Andrade Corvo, Latino Coelho e Raposo Botelho, resolveram reprová-lo no exame, combinando que, caso ele se não estendesse na materia dada nas aulas lhe fariam perguntas elementares, que a maior parte das vezes são o ponto vulneravel dos alunos.

Chegado o exame, como o aluno conseguisse aguentar-se na materia dada, Andrade Corvo atirou-lhe á queima roupa:

—O que é uma ave?
O aluno embuchou, e Andrade Corvo desistiu-lhe de novo:

—Pelo que vejo, o sr. não sabe o que é uma ave? E' capaz de não saber sequer dar um exemplo?

—Um corvo! respondeu, imediatamente, o aluno, apontando para ele.

Latino Coelho e Raposo Botelho entreolharam-se, compreendendo que o aluno estava a enitar com eles.

E logo Latino Coelho interveiu:

—E' o que é um mamifero?

Novamente o aluno embuchou o logo Latino Coelho lhe disparou outro remoque:

—Nem ao menos sabe dar o exemplo duma mamifero?

O aluno respondeu rapidamente, apontando para o professor:

—Um coelho...

Os professores agitaram-se nas cadeiras e ouviram-se um brô-ha-ha na sala.

Então, Raposo Botelho, com um ar irónico, pergunta-lhe:

—E uma raposa. Uma raposa também será uma ave?

O aluno, sorridente:

—Não, senhor! E' um quadrupede.

Lições de zoologia

O gato

O Gato é um cetaceo que se encontra nas ruas ou em casa do cidadão.

O seu alimento predilecto é a carne de baleia e pastéis de bacalhau albardado ou mesmo sem albarda.

Ente outras coisas, o Gato serve admiravelmente para arrelhar os empregados dos estabelecimentos bancaes, inclusive o Banco de Portugal, para matar ratos e mostrar que é desmazelado, pois nunca corta as unhas. Embora não exista o *Homem-Gato*, é vulgar encontrar-se o *Gato-Homem*. Distinguem-se facilmente: Aquelle não trabalha e este, tanto pode ser contabilista como um representante de Minas de Agua a Ferver. O Gato depois de morto e esfolado, confunde-se com o Pinto que é uma ave parecidissima com o Coelho. E' ate deste cruzamento de raças que nasceram os Pinto Coelhos...

O Gato, também conhecido por felino-canino, sofre duma grave enfermidade que aumenta em Janeiro com a mudança de Lua. Os seus principais inimigos são o Alfaiate e o Cão.

O animal mais parecido com o Gato é a Gafal.

Rocix.



—Ouve, traz-me uma purga para vaca.
—Muito?
—Não sei. Pode um purgante para mim.

Uma sessão de espiritismo

Apesar de muitos dos seus amigos o pretenderem convencer do contrario, Evaristo não tolerava — e sobretudo não podia acreditar no espiritismo. Sempre que, ao falar-se no assunto, alguém fazia a sua apologia, Evaristo tinha um sorriso sceptico, tomava uns ares de inconfundível superioridade e interrompia, desdenhosamente:

—Lérias, meu amigo, lérias!...

Ora, — embora a quem o conheça cause alguma estranheza, — saibam que o Evaristo foi assistir, ha dias, a uma sessão de espiritismo.

Estava eu quasi a acreditar numa perfeita mudança nas suas opiniões, quando alguém me deu a explicação do facto: Evaristo fôra — para trocar.

Convidado por um amigo a assistir á sessão semanal em casa do Madame Simplicio (uma senhora da meia idade, mas em muito bom uso), Evaristo, ao principio, recusou-se, pretextando que não poderia conter as gargalhadas e não dar, naquele ambiente de austeridade e respeito, uma nota de imperdoável grosseria. E Evaristo presava-se, além do tudo, de ser bem educado.

Já cansado de o pretender convencer com varios argumentos o amigo desarmou-o com um definitivo: — a perspectiva do casamento habitual, que Madame Simplicio costumava oferecer á gulodice espirita dos seus convidados.

A' hora marcada — dez e meia da noite — Evaristo, bem posto e bem disposto, acompanhado do amigo que o convidara, fez a sua entrada triunfal na sala de jantar dos esposos Simplicios, simplicissima de mobiliario e escolhida para as sessões por ser a mais ámplia da habitação.

Conceçaram as necessarias apresentações. Primeiro os donos da casa, depois a familia e, em seguida, os convidados, num delirio doloroso de nomes e profissões. Evaristo foi successivamente apresentado a um alferes, dois estudantes, duas noras do seu amigo, domésticas, uma sogra domesticada, um camareiro elegante, em tempos apoderado dum toureiro, a quem se apoderou do dinheiro duma corrida, pelo que foi corrido pelo *diestro*, enfim, a uma grande e selecta assistência, a que nem faltava, talvez por ironia, um assistente dum hospital de doentes.

Posta a sala em semi-obscuridade, deu-se inicio á função, iniciando-se o funcionamento dos espiritos por intermedio dum *medium* personificado numa

visinha do 3.º andar, quinze anos hysterica, uma pilha de nervos, que foi pillada para aquella sessão pela dona da casa quando caseava um colete, sua occupação habitual.

Um cavalheiro presente, que presentemente falava quatro linguas, dirigia a sessão, na sua qualidade de poliglota, colocado num ambiente de polidotas, e servia-se de todas as linguas vivas para falar com os mortos.

Invocaram-se varios espiritos e, a certa altura, a dona da casa lembrou-se de dizer para Evaristo:

—O cavalheiro não deseja perguntar nada?...

Evaristo, que estava nesse momento entredidissimo com a visinha que lhe ficava mais proxima, respondeu delicadamente que agradecia muito mas não desejava interrogar o *medium* sobre nenhum assunto.

—Experimente sempre! — insistiu Madame Simplicio.

—Experimentat! — insistiu também o amigo, que o convidara.

—Experimentat! — pediam quasi em coro os assistentes.

E a meia voz, meigamente, a voz da visinha mais proxima insistiu também:

—Experimente!

Não tendo mais coragem para recusar um pedido tao insistentemente feito, Evaristo quiz ainda esquivar-se, dizendo:

—Mas se eu não tenho nada para perguntar!

—Ora, — atalhou logo a dona da casa — o senhor, certamente, tem na sua vida qualquer coisa que gostaria esclarecer!

—Só se fôr — lembrou Evaristo — para perguntar o que é feito do meu pai, que partiu ha cinco anos para a America e nunca mais deu noticias suas...

—Pergunte! — insistiram todos.

E, um pouco tremulo, o incredulo Evaristo, perguntou ao *medium*:

—Diga-me: o que é feito do esposo de minha mãe?

Então, ante o pasmo geral, a menina adormecida, respondeu lentamente:

—O esposo de sua mãe morreu na America ha quatro anos; agora se quer saber de seu pai, dir-lhe-hei que está presentemente em Paris.

Talvez por esquecimento, o amigo que me comunicou esta aventura de Evaristo não me informou se ele, dease dia em diante, passou a acreditar no espiritismo...

Anibal Nazaré.



— E' um animal excelente e com uma memoria es-pantosa. Imagine que a minha sogra, no dia em que morreu, deu-lhe um bolo, pois cada vez que passa pelo retrato dela, lambe os beiços.

PROSA DE CHA VELHO

A morte dos touros em Portugal

Na ultima temporada conseguiu-se, ou supôs-se ter conseguido, touros de morte em Portugal. Mas de tal fórma mataram a ideia á nascença que, afinal, com mais propriedade, nos poderemos referir á experiencia chamando-lhe a *Morte dos touros em Portugal*. Sim, que agora, proibidas as corridas de morte e impedidos os toureiros espanhóis de virem a Portugal, difficil será manter o fogo sagrado da tauromaquia.

Como não bastasse, surgiu o conflito entre os toureiros e o emprezarij da primeira praça portuguesa, chegando-se ao apuro de não poder esta contar com aqueles, nem aqueles com esta.

Enfim, eles que se arranjem! Comeram-se uns aos outros, como os gritos, e ficaram todos comidos.

Longos anos préguei e, quando julgava ter atingido alguma coisa com os meus sermões, assisti á destruição do trabalhinho, que me custara suor e semsaborias.

Proteste e não me ouviram. Varias vezes aconselhei os gregos e troianos que não se guerreassem quando mais falta a todos fazia estarem unidos.

Aconselhei e não me ouviram. Aconteceu o que eu previra nos dois casos. E hoje, que tudo está embrulhado, admiram-se que eu me desintresse de todos e a todos mande passear, chegando a achar, com magua e ironia, que está tudo muito bem!

Que esperavam então? Que eu voltasse por uma campanha que já fiz e que os outros estragaram?

Não, meus filhos. Estou cansado, aborrecido e desinteressado do que afinal me não interessa.

Que a gente nova, com sangue na guelra e muitas ilusões, recomece o que eu já fiz.

Que apareça outro que me substitua, porque eu já estou farto.

Escreverei de touros, mas só abstractamente ou por dever de officio, porque a fé pura, a batalha heroica contra todos, isso acabou-se...

Perez la chaise.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses Serviço de Contabilidade Central Caixa de Reformas e Pensões Editos de 30 dias

A contar da publicação do presente annuncio, correm editos de 30 dias para se habilitarem, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, os herdeiros de José Mendes Ayres, fiel ajudante de Lisboa P.; Divisão de Exploração, reformado n.º 396, á pensão de sobrevivencia por ele legada, como Contribuinte da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 1867, concorrendo á sua divisão ou impugnando os pedidos já feitos em requerimentos de sua viuva Judith Tomaz Nogueira Soares.

Findo este prazo será tomada deliberação, na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 18 de abril de 1928. — O Chefe do Serviço da Contabilidade Central, M. Barqueira.



O miopa — Ouve, Pedrinh, para aí os meus olhos?
O petiz — Não, tio. Depo' puz não vejo nada...



O que se diz e o que se não deve dizer

Os jogadores civis de Lisboa devem-se ir fardar...

O Lisboa-Madrid civil foi uma massada em duas partes de três quartos de hora, e perfeitamente definida pelo resultado 2-2 — quatro em dois separados.

Na primeira parte, andando a coisa ela por ela, conseguiram os nossos ganhar por 2-1. Na segunda, dominando francamente, sofreram um goal e não marcaram nenhum.

Val ser enviada uma proposta ao Waldemar para que se mude para Lisboa.

O que é mais curioso é que, quando estes mesmos teams se disfarçam de militares, os nossos triunfam sempre em Lisboa.

Depois do match de domingo, não lhes diremos: — Vão-se despir!
Mas sim: — Vão-se fardar!

Os melhores da equipe foram, como já haviam sido contra a Italia, Cesar e Carlos Alves. Este, com o sistema das luvas, arranjou um *jojo to do fino* — e que afina seriamente os adversarios.

O melhor elogio de Cesar é o seguinte:

Se se disser que o ponta direita espanhol fez dois centros — já um pouco de exagero...

Ha muita gente alarmada com a falta de datas para o campeonato nacional de *foot-ball*, prejudicado pela serie de jogos internacionais e pela ida a Amsterdam.

A prova maxima do *association* nacional leva geitos de teminar para o ano.

Ora, se estamos bem lembrados, o I Portugal-França foi positivamente arrancado a ferros. Os homens de Paris desculpavam-se sempre com a fal-

ta de datas. E os jornalistas francezes escreviam a proposito amabilidades deste jaez:

«Portugal é um país com pessima cotação em *foot-ball*. Se lhe ganharmos, daí não resulta proveito. E se perdemos será uma pessima cota para o nosso *association*.»

Isto que os jornalistas escreviam era tambem o que os dirigentes pensavam... embora escrevessem coisas diferentes...

E, mesmo após o I Portugal-França, houve ainda, se não estamos em erro, mais umas interessantes partidinhas parisienses.

Após os resultados obtidos com a

Espanha, a Argentina e a Italia — e dadas as dificuldades de realização do campeonato nacional — quer-nos parecer que a Federação Portuguesa perdeu uma esplendida oportunidade de pagar as gentilezas de Alêx Pirineus, com um bom juro...
Bastaria uma carta — uma simples cartinha do teor seguinte:

Ex.ºs Directores da Federação Francesa de *Foot-ball Association*:
E' com o coração alanceado e os olhos razos de lagrimas que nos vemos obrigados a comunicar-lhes não ser possivel por agora a realização do III Portugal-França — em virtude de não comportar o nosso calendario qual-quer data disponivel.

Um desportista apressado meteu-se ha dias num taxi e ordenou:

— Depressa, para o Hospital de Santa Marta!

O *chauffeur* andou o mais depressa que poude — e tanto que o cavalheiro se assustou:

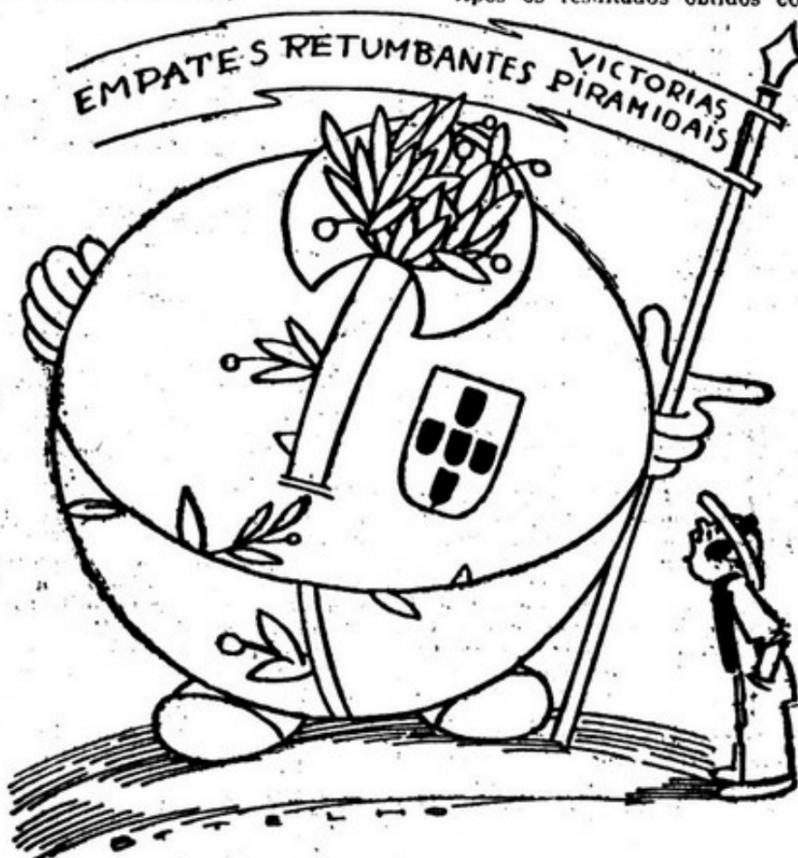
— «Mais devagar, homem!»

— «Mas o senhor não disse que queria ir depressa para o hospital de Santa Marta?»

— «Pois sim! Mas é para uma visita; não é para lá ficar...»

O jornal britanico *Paris-Times* publicou uma apreciação sobre o ultimo Portugal-Italia, perfeitamente britanica e perfeitamente engraçada. Re sava assim:

«Antes do *match*, toda a gente estava de acôrdo em que o *team* de Italia era superior ao de Portugal. Mas afinal os portugueses jogaram mais do que era preciso para os italianos.»



O nosso *foot-ball* está tão chelo de louros que oxalá não arremente

A Luiza, a Ilda e a Hortense



Ou os trez olhares mais expressivos da nossa scena

AMARELHE



Ao Amarelhe,
distinto colega e
amigo, ofe

J. Valença

1928

A aliança do lapis com o tablado. As figuras mais representativas da arte de representar têm sido representadas por Amarelhe em belas caricaturas. Ele mesmo é um galã, de galante lapis em riste e o seu album é um palco animado de graciosas scenas que está exhibindo no Teatro Nacional. SEMPRE FIXE lá irá admirar-as, desejando que o brilhante artista afixe o «Não ha bilhetes na casa» que, no seu caso significará «Todos os trabalhos vendidos».